Agradeço a todas as Sagradas forças da Geração e da Lei e à minha Amada e Divina Senhora pela oportunidade e pelo privilégio de participar desta obra.

Odoyá, minha Mãe.

Texto revisado por Michela Carvalho da Silva

Eu, Tranca Ruas das Almas, fui incumbido pelo astral de trazer uma história verídica sobre um guardião, enquanto vivia no plano material e seu retorno ao mundo espiritual, para que sempre se lembrem de que o Divino Criador assiste a tudo e a todos o tempo todo e, Dele e do Tempo, nada escapa.

É com honra e alegria que relato a história simples deste meu irmão de fé e juízo.

Vejo com fé o crescimento e a evolução espiritual da humanidade, na esperança de que todos cresçamos juntos, pois nós, Guardiões, estamos mais perto de vocês do que imaginam.

Nossa história começa em uma vassala cidadezinha, um lugarejo situado dentro do que é hoje a Espanha...

Capitulo I

Quase acordando, sentia um cheiro gostoso que entrava pelo meu nariz, mas ainda estava escuro.

- Vamos, acorda, Miguel... – ouvi aquela voz suave e melodiosa cochichando.

- Bom dia, mamãe.

- Ah, bom dia Miguel! Hoje é o teu décimo aniversário, então levanta-te, tens de correr para o mar.

- Mas já está claro? - esfreguei os olhos tentando enxergar alguma coisa.

- Sim... Quase. Fala baixo, que tua irmã te espera. Anda logo, antes que teu pai se levante.

Corri para juntar as minhas roupas. Estava um pouco mais frio do que o normal e, como sempre fui um menino obediente, fui me aprontar imediatamente. Amava meu pai e minha família, mas minha mãe... Era meu norte, meu porto seguro. Amava-a com tanta intensidade, que apenas o respirar dela me fazia feliz; vê-la em casa era uma visão divina.

Minha mãe era *moura*, como eram chamados os do seu povo, os árabes. Ela tinha cabelos negros, cacheados e brilhosos; era uma mulher muito bonita e, apesar de sua origem humilde, tinha algo que a tornava misteriosa e exuberante, além de sua grande mediunidade. Era uma mulher dedicada, sempre ajudando os que a ela recorriam, fosse usando suas ervas ou consolando seus amigos.

Meu pai era um espanhol objetivo, não gostava das conversas sobre o mundo espiritual, ainda mais,

quando envolvia o mar. Apesar disto, sempre pedia para minha mãe fazer rezas e benzê-lo com ervas antes de entrar mar adentro, mas a sua fé se resumia a isto.

Minha irmã tinha uma personalidade parecida com a de minha mãe. Eu andava junto delas sempre que podia, mas nem sempre era possível, pois eu e meus irmãos ajudávamos meu pai e meu tio com o trabalho na pesca local. Morávamos em uma casa simples, mas sempre limpa, arrumada e cheirando aos aromas das ervas que minha mãe queimava, dizendo que era bom para afastar os maus espíritos.

Não passávamos necessidade, mas era uma época difícil para a Europa, pois pessoas morriam o tempo todo por causa de males desconhecidos e em função das frequentes guerras e disputas por territórios. Como ainda era pequeno, meus irmãos cuidavam muito das "nossas mulheres", como dizia meu pai; éramos felizes, apesar de todas as dificuldades por causa das disputas locais.

Apanhei minhas roupas e levantei-me rapidamente, pois sempre considerávamos muito especial o dia do meu aniversário, não por que mamãe iria preparar doces para mim, mas pelo que eu via acontecer desde que tinha seis anos. Fui acompanhado pela minha irmã até a beira-mar; levávamos os ramos de flores que minha mãe havia colhido nas mãos.

- Vamos, Miguel. Chama-as e entrega as flores. E não te esqueças de agradecer pela proteção ao papai e à nossa família.

Desde os seis anos comecei a ver o que, para mim, eram seres encantados do mar, que me chamavam. Mamãe dizia que eram sereias ou gênios das águas, e que eu não deveria ter medo, mas sempre respeitá-las e lhes agradecer, e que jamais deveria entrar na água sem entoar

uma reza, pois ela dizia que ali eram recolhidos todos os que não achavam sentido em suas vidas. Hoje eu sei o quanto minha mãe era sábia!

Sim, eram lindas mulheres aos meus olhos infantis, que as consideravam um milagre, como nas histórias que minha mãe contava. Meu pai tinha muito medo das lendas e histórias, mas desde que as vi pela primeira vez, me disseram que eu não precisaria temê-las porque sempre estariam ali para me proteger. Meu pai acreditava no que eu dizia, então sempre procurava me ter por perto, creio que por medida de segurança.

- Anda logo, joga as flores! - minha irmã, Maria, não conseguia vê-las, mas tinha uma certa percepção auditiva.

- Ai, calma Maria! Eu nem as vi ainda, me deixa vê-las, está bem?

- Ah, Miguel! Como és teimoso! Anda, fecha teus olhos e canta para elas o que te ensinaram!

E assim fiz. Cantei um som que havia aprendido com uma delas, e esse som vibra em minha alma até hoje como o meu chamado de retorno. O sol começava a dar seus sinais e eu cantava com o mais puro amor, pois a visão delas era um presente que me acalentava e encantava sempre. Mas eu não entendia o motivo pelo qual sempre me emocionava tanto. Doía dentro de mim, em minha alma e eu chorava sempre.

Hoje sei o por quê de tanta dor...

Pontos brilhantes começavam a aparecer, cantos ouvíamos, o aroma na praia se transformava, tudo ali se tornava mágico por alguns instantes, e era assim que eu as via. Longos cabelos negros começavam a se misturar na água, que ganhava uma aura cintilante e tudo brilhava. E então, eu ia deixando flor por flor na água.

- Ouve, Miguel, ouve...- dizia minha irmã, pulando, feliz como criança. Nesta época, Maria tinha treze anos.

Ouvíamos o som mais melodioso, encantador e atrator que alguém poderia ouvir e, se alguém já ouviu de verdade, sabe do que estou falando. Muitas vozes se misturavam, era uma dádiva tudo aquilo e eu, emocionado, disse:

- Amo vocês! Um dia vou ser um grande pescador e vou dizer a todos o quanto vocês são lindas!

E realmente são, pois elas vibram e exalam o mais puro amor em seus cantos, por seus olhos e por todos os seus sentidos. E essas doces e melodiosas vozes cantavam e cantavam para mim, parecia durar uma eternidade aqueles breves minutos; o amor delas me envolvia de tal forma que parecia dar amplitude ao tempo, parecendo horas.

Minha irmã, que estava com os olhos marejados, me abraçou, quando, de repente, algo diferente de tudo aconteceu. Um homem que já aparentava certa idade, mas percebia-se nele um certo vigor, de cabelos brancos, vestindo uma calça branca dobrada na bainha e camisa da mesma cor, saiu de dentro do mar e se apresentou:

- Olá, meu filho.

- Ah! Você é o meu avô que não conheço? – perguntei.

- Quem é, Miguel? - perguntou minha irmã, pois não o via.

- Um vovô, me deixa falar com ele. – respondi bruscamente.

- Não sou exatamente o seu avô, apenas vim ver como você está.

- Ah, sim! Estou bem. Esta é a minha irmã, Maria.

- Sim, eu também conheço a sua irmã.

- Então o senhor as vê? – e apontei para o mar.

- Sim, eu as vejo de vez em quando, e hoje vim vê-las com você.

- Quem é o senhor?

- Um amigo, Miguel. Pode me chamar de Antonio. Sabe, me disseram que és muito inteligente... – disse ele, abaixando-se para me olhar nos olhos.

- É, mamãe diz que sou, mas meu pai briga comigo, diz que não entendo as coisas, então eu não sei se sou ou não.

Ele sorriu e disse:

- Miguel, quero que ouça bem o que vou lhe dizer, meu filho.

- Sim, papai Antonio. Posso falar assim, né?

Ele encheu os olhos de lágrimas e disse:

- A tua encarnação, esta tua vida, está destinada a que supere as tuas dificuldades com tranquilidade. Ela deve ser de paz, entende?

- Mais ou menos. Não muito, na verdade.

- Pergunta à tua mãe, ela vai te ajudar, vai te explicar. Miguel, conhecerás muitos lugares, muitas pessoas, mas não deverás nunca perder o amor à vida e às pessoas, ouviu, meu filho? Que seja sempre ele o teu alvo. Essas moças lindas que aqui estão não poderão mais te acompanhar como estavam fazendo. Mas deves crescer, ser um homem honrado, de princípios baseados no amor e no respeito à vida. Ouve isto e guarda no teu coração, meu filho.

E mais ele não disse. Simplesmente desapareceu, sorrindo, da mesma forma que havia aparecido.

O que eu não sabia, neste momento, era o quanto essas palavras viriam a ser importantes na minha vida; deveria ter optado por ser um pescador comum, tocar os negócios de pesca de meu pai, construir uma família e me realizar assim. Mas não, eu quis mais, sempre mais...

Corri para casa com Maria, que praticamente ia me arrastando pelo braço, pois dali a pouco papai estaria acordado, se é que já não estava.

- Salina, onde está Miguel? - perguntou papai.

- Acho que está na rua, homem.

- Não o vi ainda. Já disse para você não deixar esses meninos preguiçosos. - disse ele, sentando-se à mesa.

Meu pai sempre foi muito carinhoso com minha mãe; era um homem da terra, simples e sem instrução, mas dono de um grande coração. Era respeitado na comunidade onde vivíamos, pois era muito honesto e trabalhador. Frequentemente recebia agrados do povoado por se envolver nas causas sociais da nossa localidade. Quanto à educação dos filhos, deixava a cargo de minha mãe, mas não abria mão deles no trabalho. Dizia ele: *homem preguiçoso é como rede furada, não presta para nada!*

Entrei pé por pé na cozinha, pois tinha escutado a voz de meu pai.

- Ah, até que enfim apareceu o rapazote! – disse ele, levantando-se para me abraçar.

Olhei espantado para mamãe, e ela rapidamente me sorriu e balançou a cabeça, mostrando que estava tudo bem.

- É, eu estava ali...

- Parabéns, meu filho! E hoje, como é o teu aniversário, vou te deixar jogar as redes grandes!

- Jura? Mesmo? Posso? - disse eu muito empolgado, pois jamais me deixava trabalhar com as grandes redes.

- Pode, sim.

Partimos para o mar, mas era uma pesca rápida. Voltaríamos à noite naquele dia, pois papai já *pressentira* que uma tempestade viria.

Chegamos em casa tarde naquela noite, mas mamãe e minhas irmãs, assim como meu irmão mais novo, que estava adoentado, nos aguardavam com um cheiro delicioso na cozinha. Minhas irmãs haviam feito um bolo, alguns doces e carne recheada para comemorar o meu aniversário, o que nesta época era muito caro, (a carne, devido às mudanças políticas que se avizinhavam). Senti-me muito especial naquele dia.

Não que houvesse preferência da parte de minha mãe por algum filho, mas ela, eu e Maria tínhamos alguns dons em comum, então, obviamente éramos mais próximos.

Eu quase dormia na mesa, esperando meu pai e meus irmãos saírem, para poder conversar com a minha mãe, pois Maria havia dito a ela que eu havia falado com alguém na praia. Após muitas risadas e brincadeiras sobre os meus erros com a pesca do dia, quase todos se retiraram.

- Vamos, Miguel, conta-me tudo. - disse ela, acariciando o meu cabelo e sentando-se ao meu lado, para me colocar no colo.

Contei a ela sobre a conversa com aquele senhor, e ela me disse que talvez fosse algum antepassado ou um gênio protetor. De acordo com a cultura de mamãe, os gênios entravam em contato conosco.

- Mas, de qualquer forma, Miguel, ouça-o, são bons conselhos. Deixa eu te contar uma coisa. Certa vez, apareceu uma moça, jovem e linda e me disse que você era especial e que eu deveria te cuidar muito bem! Acho que estou me saindo bem, né? - disse ela, me apertando em seus braços.

- Acho que sim, me sinto muito bem com a senhora. - beijei suas mãos e caí no sono.

Minha mãe nos instruiu a seu modo, sempre zelando pela educação e leitura, que dizia serem necessárias para as nossas vidas; disse ela, também, ter visto no meu futuro muitas riquezas e alegrias, mas que me preparasse para trabalhar duro.

Meus pais não tinham dinheiro para pagar um instrutor, minha mãe mesma não sabia ler muito bem, mas como trabalhava na casa de nossos suseranos, ficou mais fácil e, com o prestígio de meu pai, que os apoiava, algumas regalias eram facilitadas. Ela se empenhou para que aqueles de nós que quisessem, não fossem ignorantes e tivessem o necessário para isso.